

## **SEXUALIDADE: UM JOGO DE AÇÕES, EMOÇÕES, SENSAÇÕES E PADRÕES PRESENTES NOS CORPOS.**

Valéria de Matos Oliveira – graduanda em pedagogia – UESPI – Floriano.

Orientador: PROF. Msc. Robison Raimundo Silva Pereira

### Resumo:

O presente trabalho implica em discutir o passado e refletir quais os valores que ainda estão impregnados na sociedade em relação à sexualidade. Entre as temáticas mais discutidas hodiernamente, encontra-se este assunto, e vários autores vêm trabalhando na tentativa de encontrar respostas para as dúvidas que o cercam. O estudo trata de uma investigação de campo com enfoque bibliográfico, ainda em andamento. Este tema provoca algumas polêmicas, embora os meios de informações o abordem de modo natural; percebe-se então, a importância de questioná-lo ou explicitá-lo, principalmente, em um contexto histórico, buscando compreender a diferença entre sexo e sexualidade através desses discursos. A educação é uma das chaves principais para discutir esse assunto e despertar a criticidade do educando (a) no sentido de ajudar a lidar com as diversas informações a respeito deste e garantir o conhecimento em busca de uma melhor formação, abdicando da mecanização dos corpos.

Palavra-Chave: Contexto histórico. Gênero. Relação de Poder. Sexo. Sexualidade.

## **Introdução:**

O artigo vem apresentar que, voltar ao passado através da história da sexualidade, é importante para não só compreender alguns valores e fatos que acontecem em nossos cotidianos, como também para rever alguns erros e perceber como o homem enquanto sujeito da história, muda seus conceitos e tradições em relação a seus conhecimentos. Antigamente o desejo sexual era visto como enfermidade; vagina reconhecida como órgão de reprodução; certas posições vistas como imundas, impuras; e o adultério vinculava-se como sobrevivência de doutrinas éticas e clássicas, como exercício masculino.

Com efeito, entende-se que a sexualidade não é somente um aspecto biológico do ser humano, ela envolve um jogo de ações, sensações, emoções, padrões presentes nos corpos, podendo, inter-relacionar-se com dimensões hierarquizadas. Embora essa “sexualidade” esteja presente nos corpos, de forma histórica, biológica e social, percebe-se preconceitos que ainda permanecem sob uma perspectiva machista, que na maioria das vezes, reina como forma de cultura.

O objetivo deste trabalho é aprofundar a reflexão em um contexto histórico, tendo como ponto de partida para o entendimento da sexualidade, a opinião de vários autores, envolvendo conceitos sobre as diferenças e questionamentos em relação ao preconceito quanto à orientação sexual. Deste modo, a discussão é relevante para verificar, sobretudo, o que mudou historiograficamente. Pretende-se ainda, despertar no âmbito educacional, a criticidade perante o que acontece na sociedade e como esta vem se posicionando em relação a assuntos tão importantes quanto à sexualidade.

## **1. Qual a diferença entre sexo e sexualidade?**

### **1.1 A reflexão como ponto de partida para uma conceituação da sexualidade**

Uma relação de poder conduz a sexualidade a um jogo que nos remete a repensar o passado em um contexto contemporâneo, analisando o sexo ou a sexualidade em seus aspectos sociais e como foi abordada em um discurso de crescente incitação, refletindo sua essência e o que pode revelar com suas verdades e conceitos em relação ao sexo.

Foucault (1984, p.9) designa, em um contexto histórico, a sexualidade utilizando elementos que expressam uma compreensão de como ela era vista em seu conceito. Ele explicita que:

O próprio termo “sexualidade” surgiu tardiamente, no início do século XIX o uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimento diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte nova, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e medicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor a sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

Com efeito, entende-se que a sexualidade, não é somente um aspecto biológico do ser humano, ela é um jogo de ações, sensações, emoções, padrões presentes nos corpos, podendo inter-relacionar-se com dimensões hierarquizadas. Embora essa “sexualidade” esteja presente nos corpos de forma histórica, biológico e social, percebem-se preconceitos que ainda permanecem sob uma perspectiva machista, que na maioria das vezes, reina como forma de cultura.

Não há como compreender o presente e algumas transformações que acontecem no mundo e no próprio cotidiano, sem antes rever o passado, analisar seu processo histórico e suas origens. Entender os motivos pelos quais ainda prevalecem preconceitos e pudores sobre este tema, é o que justifica a necessidade de estudos e pesquisas, fazendo uma análise social, desta concepção, verificando como é vista e expressa pelos indivíduos, principalmente, os adolescentes. Estes, hodiernamente, podem ser considerados como um grupo atingido pela falta de conhecimentos mais amplos, precisos ou por informações demasiadas e até errôneas, as quais, às vezes, acolhem e utilizam de modo errado.

Recorrendo ao dicionário do século XXI em busca de um significado sobre os mesmos – sexo e sexualidade - e analisando como são conceituados em um contexto moderno, encontramos a seguinte definição, segundo o dicionarista Ferreira (2000, p. 634,635):

Sexo: conjunto de características que distinguem os seres vivos, com relação a sua função reprodutora. Qualquer das duas categorias, macho ou fêmea, na qual eles se classificam. O conjunto dos que são do mesmo sexo. Sensualidade, volúpia. Órgãos genitais externos. Sexualidade: condição de sexual. Sensualidade; sexo.

Segundo essas definições, percebe-se que o termo sexo refere-se ao biológico, ao corpo em um sentido de reprodução, ao sexo enquanto órgão, envolvendo concomitantemente, sensações, prazeres intensos, interligando-se sexo com sexualidade de forma meramente mecânica. Com esta concepção, um adolescente, provavelmente, dará pouca importância ao contexto social, cultural e afetivo.

Deste modo, observa-se uma limitação em seus significados, pois estes transparecem uma compreensão bastante específica, levando apenas para o lado reprodutor, físico, “material”; este conceito, de início, parece completo e bem explícito em seu campo físico, mas descarta a interligação de sexo com sexualidade, e nesta acepção verifica-se uma diferença, a do prazer.

Em torno do período da adolescência, é importante uma explicação sobre elementos intersubjetivos, que fazem parte do conjunto da sexualidade, que neste período, afloram sobre o corpo, causando transformações e alterações, que se manifestam tanto nas relações de comportamentos quanto nos aspectos físicos e psíquicos.

## **1.2 O discurso histórico sobre o sexo ou sexualidade?**

O saber, dentre tantas armas existentes no ocidente e no mundo, é considerado uma das mais poderosas armas. O conhecimento proporciona libertação a quem está preso ou submisso, elucida e causa poder.

Quem detém a sabedoria não se limita a aceitar discursos manipuladores, mas permite-se analisar a teoria reproduzida. Sendo assim, a ciência, com suas pesquisas e estudos, contribui bastante para o desenvolvimento da humanidade, produzindo novos olhares na forma de como é observado o mundo.

De acordo com os acontecimentos, a maioria dos indivíduos, vai adaptando-se àquilo que julgam moderno, como, por exemplo, um novo estilo de vida; as regras impostas e alocações; isto significa, entre outros aspectos, uma forma de domínio sobre aqueles que não conhecem o sistema de como os saberes são produzidos.

Como ressalva Foucault (1988, p.103) “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”.

Verifica-se, segundo relata a história, o quanto o modelo de vida da Europa refletia em outros países ocidentais. No final do século XIX, em toda a Europa, durante a era Vitoriana, que foi uma época muito conservadora, tanto nos aspectos políticos como na vida cotidiana, as pessoas eram educadas de forma a não falarem de sexo, devido às regras e interdições, assim tornando-se assunto proibido. Estes tabus difundiram-se por todo o ocidente, influenciando de forma pejorativa a formação sexual dos indivíduos.

A virgindade, nessa época, era de grande valia, pesava muito sobre as moças, elas tinham que se guardar para seus maridos, ou seja, eram obrigadas a casarem-se virgens, significando sinônimo de pureza. No entanto, somente na véspera do casamento, é que ouviam as mães falarem alguma coisa a respeito das relações sexuais. Imagina-se o constrangimento que este momento trazia, pois elas também foram reprimidas tanto quanto suas filhas.

Os rapazes solteiros eram vigiados e até ceroulas especiais, que pareciam cinto de castidade, usavam para evitar a masturbação, que era considerada, pelos médicos, um mal à saúde, que provocava fraqueza no corpo e incapacidade intelectual. Vale lembrar, que essas questões sexuais, com a valorização da ciência, também passaram a ser discutidas pelos médicos.

Convém ressaltar, que antes, o poder de reprimir a sexualidade estava com a Igreja, que afirmava: “o sexo é pecado”. Logo depois, a repressão ficou com a medicina, alegando que a ciência comprovava que o sexo era prejudicial à saúde. Embora houvesse todas essas condenações, nas grandes cidades existiam prostitutas, que em geral, eram de classe muito baixa, sendo exploradas por homens de todas as classes sociais. Estes frequentavam os bordéis e satisfaziam seus desejos, voltando depois para suas casas, onde prevaleciam a moral e os bons costumes.

É interessante destacar quando Foucault relata que:

Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor uma questão em que, todo corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância (1988, p.127).

Faz-se refletir diante desses discursos quanto poder a ciência detém, pois ela, através de suas descobertas ou do conhecimento, tanto pode libertar quanto refrear; em presença disto, questiona-se, a exemplo, a (in) verdade existente da repressão do conhecimento do próprio prazer através da masturbação. Levanta-se a indagação: Quais elementos contribuíram para se acreditar que esta prática causasse danos à saúde? E ainda, será que hoje há este tipo de concepção? Acredita-se que estas (in) verdades propostas pela ciência da época, diz respeito não a certezas médicas, mas à ligação com o contexto histórico e social.

“Na Grécia a verdade e o sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às iniciações do conhecimento” (Foucault, 1988, p.70).

É interessante recordar que, em algumas civilizações antigas, acreditava-se que relação perfeita só existia entre os homens como, por exemplo: a transferência de conhecimento se dava entre mestre e seus discípulos, enquanto as mulheres eram apenas fábricas de guerreiros, ou seja, serviam apenas, para gerar filhos do sexo masculino.

Com o surgimento do iluminismo, a partir do século XVIII, a Europa e América foram influenciadas pelas idéias dos pensadores iluministas, eles acreditavam que a principal força transformadora era a “razão”, a capacidade humana de raciocinar. Eles criticavam o absolutismo, os direitos da nobreza e o mercantilismo e defendiam uma nova sociedade, baseada na igualdade dos direitos dos cidadãos e na liberdade individual.

A racionalidade prevalece também como um dispositivo que controla uma determinada situação em prol de más consequências, e em torno da sexualidade surgem controles, através de um discurso para combater a natalidade, mas, ainda assim, há um sentimento de culpabilidade, surgindo uma cultura, de que falar desse tema é depravação.

Percebe-se que o surgimento de sentimento sobre o conceito de humanidade e da sexualidade em “si”, no sentido romântico da palavra, que surge com o decorrer de toda uma preocupação, através da atenção com mais ênfase, à população com acepção mais restrita.

Os governos percebem que não tem que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém com uma “população”, com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e de *habitat* (Foucault, 1988, p.31,32).

Ou seja, a história da sexualidade se mostra perversa devido à ignorância, que por muito tempo não permitia o reconhecimento da “verdade”, gerando, assim, sentimento de culpa e repressão na maioria da população que vivia nesse contexto histórico. Mesmo com os conhecimentos que a ciência no decorrer dos fatos proporcionou, observa-se que ainda por meio de discursos manipuladores, não era possível enxergar a sexualidade de modo que proporcionasse um bem estar não só à saúde, mas a todo o conjunto que forma objetiva e subjetivamente os corpos.

Diante dos argumentos produzidos, as sociedades burguesas, capitalistas ou industriais, não se rejeitaram em reconhecer o sexo, o que no contexto, armou todo um discurso sobre ele como bem aponta Foucault (1988, p.88):

A questão sobre o que somos, em alguns séculos, uma certa corrente nos levou a colocá-la em relação ao sexo. Nem tanto ao sexo-natureza (elemento do ser vivo,

objeto para uma abordagem biológica), mas ao sexo-história, ao sexo-significação, ao sexo-discurso.

Ou seja, observa-se o quanto a história tem a narrar sobre o sexo enquanto elemento fundamental para nossa vida; e como ele (o sexo) foi tão massacrado frente à mulheres, homens, jovens, crianças, sendo impedido de desenvolver-se no sentido psicológico, de formar-se integralmente nos corpos desses sujeitos, constituindo assim um sentido diferenciado: de prazer, realização e gozo pela vida.

### **1.3 E no Brasil?**

Estudar sobre a história de um modo geral, é ao mesmo tempo entender e enxergar os motivos pelos quais algumas atitudes eram impostas, é observar e compreender o porquê das situações e mostrar-se frente aos problemas, tentando proporcionar melhorias naquilo que foi um dia perverso.

A história existe para ser contada e revelar os fatos como eles são, bem como nos permitir fazer revisão do que pensamos, levando-nos a romper com alguns valores ou preconceitos que, apesar dos avanços, ainda permanecem antigos (arcaicos e conservadores) e, na maioria das vezes, atrapalham o olhar para as diferentes fases da humanidade.

Quando nos aprofundamos sobre a história do Brasil, compreendemos que a mulher foi um dos personagens que mais sofreram ao longo do tempo, que durante anos se submeteu a práticas cruéis de humilhações diante de uma sociedade hipócrita.

Entender acerca da sexualidade, é principalmente para a o sexo feminino, passar por um ritual que envolve carícias, beijos, abraços, toques, apertos e sentimentos. Através do contato entre os corpos, as experiências são internalizadas, e estas, causam benefícios ou pontos negativos psicologicamente na vida de um ser.

A intensidade com a qual acontece o ato sexual marca para sempre, a vida de uma mulher. A história conta que a mulher era apenas para procriar e em momento algum poderia demonstrar ou sentir prazer, pois isso era coisa do diabo, a igreja condenava. Ao contrário, as prostitutas, que embora julgassem seus atos sexuais errôneos expressavam seus desejos e vivenciavam, sem nenhum pudor, seus deleites e acabavam conhecendo os pontos, que provavelmente, as fizessem gozar. Época cruel para muitas, que viveram controlando e condenando aquilo que o corpo sentia ou desejava e nem imaginavam como poderia ser ou experimentar algo diferente na sua relação, pois ter esse direito era pecado.

Esse tipo de percepção também é um elemento fundamental ao compreender sobre a sexualidade no Brasil e no mundo, em todo o decorrer da história; torna-se, então, essencial a discussão sobre o machismo, que castra e inibe o sexo feminino, embora hoje em dia, já sejam visíveis mudanças e conquistas.

Do encantamento pela beleza das índias ao abuso delas, escravizando-as; do adultério a desvalorização da mulher; da discriminação das mulatas ao desejo por elas. O Brasil era assim ou será que ainda existem traços dessas práticas?

O desejo sexual era visto como enfermidade, vagina reconhecida como órgão de reprodução, certas posições vistas como imundas, impuras; e o adultério vinculava-se como sobrevivência de doutrinas éticas, clássicas, como exercício masculino.

O Brasil, no período Imperial e no início da República, foi influenciado a seguir o modelo de vida francesa. O cristianismo impôs regras sobre o comportamento dos cônjuges reprimindo-os; mas, contrapondo-se a isso, por trás de confessionários padres estabeleciam relações sexuais com mulheres, que por falta de informação, julgavam-se ignorantes.

Mary Del Priore em seu livro “Sexualidade e erotismo na história do Brasil” aborda:

Casos de desajustes conjugais devido a pouca idade da esposa não foram raros e revelam os riscos por que passavam as mulheres que concebiam ainda adolescentes. Há casos de meninas que casadas aos doze anos, manifestavam repugnância em consumir um matrimônio. Num deles, o marido, em respeito às lágrimas e queixumes, resolvera deixar passar o tempo para não violentar” (2011, p.44).

Quer-se dizer, “meninas” casavam-se muito cedo sem ter noção sobre o sexo, o propósito, a função da mulher casada era só a reprodução. Quantas jovens sofreram com casamentos forçados e que no ato sexual foram tratadas como máquinas? “a inocência e ignorância de muitas era contrabalançada pela violência e a brutalidade de tantos outros” (Priore, 2011, p.116). Deste modo, percebe-se o quanto a manipulação e normas impostas pela sociedade se tornam cruéis; oprimiam e oprimem as mulheres, com seus falsos preconceitos e machismos.

Como assinala Priore (2011, p.100) a hipocrisia do século XIX:

Século hipócrita que reprimiu o sexo, mas foi por ele obcecado. Que vigiava a nudez, mas olhava pelos buracos da fechadura. Que impunha regras ao casal, mas liberava os bordéis. A burguesia emergente, nas grandes capitais, somada aos senhores de terra e entre eles a aristocracia rural, distinguia dois tipos de mulher: a respeitável, feita para o casamento, que não se amava, forçosamente, mas em quem



se fazia filhos. E a prostituta, com quem tudo era permitido e com quem se dividiam as alegrias eróticas vedadas por educação, às esposas.

Também as filhas de africanas foram violentadas, obrigadas a serem objetos, “brinquedinhos” de seus senhores, afinal eram negras, escravas, e uma das suas serventias era o sexo. Ao mesmo tempo em que foram humilhadas, foram também desejadas, diferentes das brancas, que tinham como fim o casamento, ato este, que envolvia interesses econômicos. Não importava a cor: branca ou preta; nem a classe econômica: pobre ou rica; damas ou prostitutas não passavam de objetos sexuais.

Por conseguinte, falar de sexualidade também é referir-se à mulher e aos seus comportamentos, e através destes o modo como era vivenciado o sexo. Apesar de tantas lutas contra práticas abusivas, ainda hoje, permanece a discriminação e a desvalorização em relação à mulher.

Quer-se dizer, da colonização ao século XIX: Da nudez à repressão dos corpos; da higiene à ausência dela; da discriminação das mulheres negras aos galanteios para brancas; dos seios fartos vistos como fábricas de amamentação aos pés como motivos de erotização; do proibido à desvalorização do corpo feminino como objeto. E no século XXI como a imagem da mulher é representada?

#### **1.4 Por que a sexualidade tem quer ser vista na maioria das vezes como modelo único?**

São muitos os preconceitos perante pessoas que possuem atração por indivíduos do mesmo gênero, pois esta prática não é vista com “bons olhos” por boa parte da sociedade. Mas afinal, quem quer ser massacrado, discriminado, ir contra as regras impostas pelas sociedades, por optar gostar de um sujeito do mesmo sexo? Isso é uma escolha? É porque tu queres? Que necessidade há de se namorar uma pessoa do mesmo sexo? Como muitos dizem “por aí”, essa é uma prática “sem vergonha, anormal, atitude suja, doentia,” enfim, a todo instante escuta-se o preconceito ecoar; afinal “o homem foi feito para mulher e a mulher para o homem”.

Mas o que leva o ser humano a homossexualidade? E o que de fato significa gostar de pessoas do mesmo gênero chegando à complacência?

Falar de sexualidade é referir-se também ao tipo de orientação sexual que denota uma:

Relação entre desejo, comportamento e identidades sexuais, refere-se ao sexo das pessoas que elegemos como objetos de desejo e afeto. Hoje, são reconhecidas três tipos de orientação sexual: heterossexualidade (atração afetiva, sexual e erótica por pessoa de outro gênero); a homossexualidade (afetiva, sexual, e erótica por pessoa do mesmo gênero); e a bissexualidade (atração afetiva, sexual e erótica tanto por pessoa do mesmo gênero quanto pelo gênero oposto). Nossas maneiras de ser, agir, pensar e sentir refletem de modo sutil, complexo e profundo os contextos de nossa experiência social. Assim, a definição dos nossos objetos de desejo não pode resultar em uma simples opção efetuada de maneira mecânica, linear e voluntariosa. (Heilborn et al, 2010, P.38).

A ignorância e o preconceito em relação a este assunto, bem como a falta de conhecimentos, confirma a existência de comportamentos que acabam gerando atitudes preconceituosas como, o desdém, o insulto e outras formas de violências, culminando muitas vezes, em óbito. Louro afirma que: “Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos “naturalmente”. Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social, político ou a respeito de seu caráter construído”. (2000, p,5). O acatamento disso pode-se indagar que tais comportamentos inaceitáveis são considerados como “ofensa” a uma sociedade que não enxerga que a sexualidade pode ser vivida de várias maneiras por diversos sujeitos com a possibilidade de dois seres do mesmo sexo a experimentar uma prática diferente da qual esta construída socialmente, deste modo acrescentando uma nova visão não apenas do que de fato é a sexualidade, mas como ela pode ser vivida.

Como salienta Miskolci:

É por meio desses “maus exemplos” que a sociedade reforça a associação unívoca e supostamente natural entre sexo, gênero e desejo. Assim, ela faz crer que alguém com pênis (sexo) deva necessariamente ser masculino (gênero) e se sentir atraído sexualmente (desejo) por uma pessoa do sexo oposto. Essa associação nada tem de natural; ao contrário baseia-se em um imperativo que determina um único modelo socialmente aceitável, aquilo que Judith Butler (2003) denomina de heterossexualidade compulsória, a obrigação social de se relacionar com pessoas do sexo oposto (2005, p.15 e 16).

O corpo também fala e uma das formas de se expressar encontra-se na em se sentir atraído por alguém do mesmo sexo, o que contraria e contradiz o que já foi socialmente construído (homem x mulher) assim, desmitificando conceitos retrógrados e construindo uma nova e diferenciada combinação de gêneros.

Miskolci (2005, p.16) destaca que:

Graças a compreensão de que os gêneros são socialmente criados, sabemos que não há nenhuma relação necessária entre masculinidade e interesse sexual por mulheres, assim como não há entre feminilidade e interesse sexual por homens. O que existe são diversas formas de viver a masculinidade e a feminilidade, as quais podem

voltar-se para relações afetivas e sexuais com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo.

Viver requer mudanças, reformulações de conceitos e posicionamentos, dependendo da situação e do contexto histórico que se está vivenciando. Parafraseando Guimarães Rosa “somos seres inacabados que afinamos e desafinamos”. Portanto, a todo instante, estamos aprendendo e para que essa aprendizagem aconteça é necessário experimentar, errar, rever, mudar, criticar, compreender e se permitir ver e rever as situações de vários ângulos.

### **Considerações finais:**

A sexualidade é um conceito metamorfósico que a cada geração se reconstrói. Sentir atração ou desejo independe do sexo, seja ele oposto ou idêntico. Tratar de questões impostas é muito simples, mas contrariá-las, priorizando suas vontades físicas ou psicológicas, requer coragem e obstinação, pois, para a maioria é absurdo que se mude o que já está estereotipado, reformulando as formas de pensar, de sentir e de agir.

Desmistifica-se, a partir das inovações, os arcaicos conceitos sobre a sexualidade, enraizados nas sociedades no decorrer dos séculos. Anteriormente, falava-se que o sexo era pecado se praticado fora do casamento; que um adolescente não podia se masturbar, por esta não ser uma prática saudável, e ainda, que as moças tinham que casar virgens, puras; e o mais absurdo, que sexo com a esposa tinha apenas o objetivo da reprodução. Felizmente, com a evolução da ciência, da história e das mentalidades, essas realidades já não fazem parte do cotidiano de muitos jovens e de muitos casais. Os posicionamentos, aqui expostos, em nenhum aspecto tende à banalização do sexo, ao contrário disto, vê-se a necessidade do discernimento e da responsabilidade, sexo como consequência de um sentimento mais profundo e não apenas um mero prazer momentâneo.

Deste modo, embora a sexualidade seja um conceito construído socialmente, requer atenção, pois envolve muito mais do que questões sociais; envolve toda uma gama de sentimentos e sensações pessoais, que afetam diretamente os indivíduos, tanto nos aspectos físicos, quanto psíquicos e comportamentais, sendo, portanto, vital e inerente a todo ser humano.

A educação, inquestionavelmente, é uma das chaves principais para discussão e ampliação desse assunto, despertando a criticidade dos educandos (as), ajudando-os a lidarem

com as diversas informações a respeito deste e garantindo-lhes uma melhor formação e realização pessoal, afetiva e sexual.

#### **REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA:**

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Ed. Graal, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis - RJ: Ed. Vozes, 2011.

DEL PRIORE, Mary: **Sexualidade e Erotismo na historia do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil 2011.

MISKOLCI, Richard: Um corpo estranho na sala de aula. In. SILVEIRO, Roberto Valter. **Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça na escola**, Campinas, SP: Papiros, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza (org). **Gestão de políticas publicas em gênero e raça**. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de políticas para as mulheres, 2010.